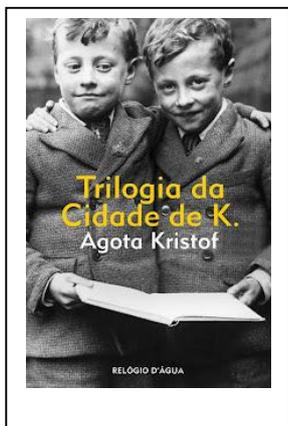


[Trilogia da Cidade de K.] [Agota Kristof]



[Agota Kristof]

Biografia: Agota Kristof nasceu na Hungria em 1935, sendo autora da famosa «Trilogia dos Gémeos» (Le Grand Cahier, La Preuve, Le Troisième Mensonge). Esta sua obra foi traduzida em dezenas de países. Agota Kristof morreu em 2011, na Suíça.



Sinopse de [A Promessa]:

Trilogia da Cidade de K. foi o título que, por sugestão do tradutor, Agota Kristof aconselhou para a edição da obra em Portugal, que reúne, num só volume, três romances (O Caderno Grande, A Prova, A Terceira Mentira).

Agota Kristof nasceu na Hungria, mas em 1956 fugiu do seu país, invadido por tropas soviéticas, para se fixar na Suíça. A trilogia conta a história de dois gémeos, que a guerra leva a que sejam enviados da sua cidade natal para o campo, ao cuidado de uma avó que os trata com particular dureza. Para sobreviverem, criam um mundo próprio e estranho em que os acontecimentos são registados num «grande caderno».

Agota Kristof fala-nos de uma Europa que, na época, estava dividida, mas também do desenraizamento, da separação e da perda de identidade criados pelas sociedades autoritárias do passado e do presente.

Trilogia da Cidade de K.", de Agota Kristof: Nada será como antes



Foto: Ulf Andersen

Regresso às livrarias portuguesas de um livro duro (na verdade, três), que nos põe à prova: a "Trilogia da Cidade K.", de Agota Kristof

[Pedro Dias de Almeida](#) / Visão Se7e

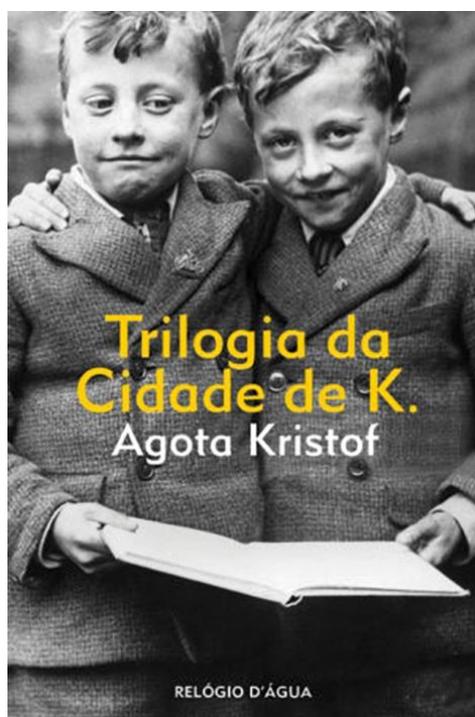
03.05.2021

Há livros que nos deixam, para sempre, com imagens na cabeça, como se as tivéssemos realmente visto ou vivenciado. Este é um desses livros. A escrita seca, com descrições exatas e cruas, de Agota Kristof, provoca essa ligação, muito visual, às palavras e às personagens que elas encarnam. E não são uma herança leve essas imagens que ficam.

Neste volume reúnem-se, na verdade, três livros: *O Caderno Grande*, *A Prova* e *A Terceira Mentira*. O título que nomeia este conjunto, *A Trilogia da Cidade de K.*, foi pensado pela escritora para a edição destas obras, todas juntas, em português (em

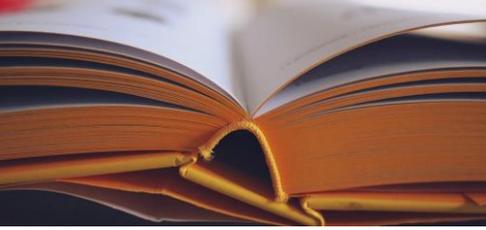
1993, com a chancela das Edições Asa). Como esse livro já é praticamente impossível de encontrar, em boa hora chegou esta nova edição, da Relógio d'Água.

Nascida na Hungria em 1935, Agota Kristof deixou o seu país em 1956, na sequência duma revolta popular que seria controlada pela intervenção militar soviética. Instalou-se, aos 21 anos, na Suíça, e foi em francês que construiu o seu legado literário. Estes três livros (também conhecidos como "a trilogia dos gémeos") são a sua obra mais conhecida (e premiada). Contam uma história ambientada em paisagens desoladas, com as marcas duma guerra que nunca percebemos bem, privações, injustiças – num país nunca nomeado, numa época que não sabemos qual é, mas associamos facilmente ao século XX.



Entre 1986 e 1991, Agota Kristof escreveu *O Caderno Grande*, *A Prova* e *A Terceira Mentira*. Em Portugal, onde foram publicados pela primeira vez em 1993, encontram-se num só volume *A Trilogia da Cidade de K.* (Relógio d'Água, 400 págs., €22)

A violência perpassa o mais forte dos três livros (logo o primeiro) porque nos chega pelo olhar de duas crianças, rapazes gémeos, entre a inocência e a crueldade infantil numa luta pela sobrevivência, em que, inteligentes, aprendem rapidamente os melhores/piores truques para resistirem juntos ao sofrimento. Essa aprendizagem é-nos servida em breves diálogos e sucintas descrições (o que faz sentido, sabendo que Agota começou por se notabilizar como dramaturga). As vidas dos dois gémeos continuam, separadas, nos dois livros seguintes, numa narrativa que nos aproxima de um deles, Lucas (nunca no primeiro livro são nomeados). "Chegamos à Cidade Grande. Viajámos a noite inteira. A nossa Mãe tem os olhos vermelhos" – depois destas frases iniciais seguimos por ali fora, e nada ficará como antes.



Revista Brando

Quem foi Agota Kristof, a autora do fenómeno Claus e Lucas

Revalorizada pelo mundo após a sua morte e um fenómeno literário no nosso país [Espanha], ela soube transformar a dor – e o exílio – em arte.

28 de janeiro de 2022

federico bianchini PARA A NAÇÃO



A escritora húngara contava histórias desde criança.

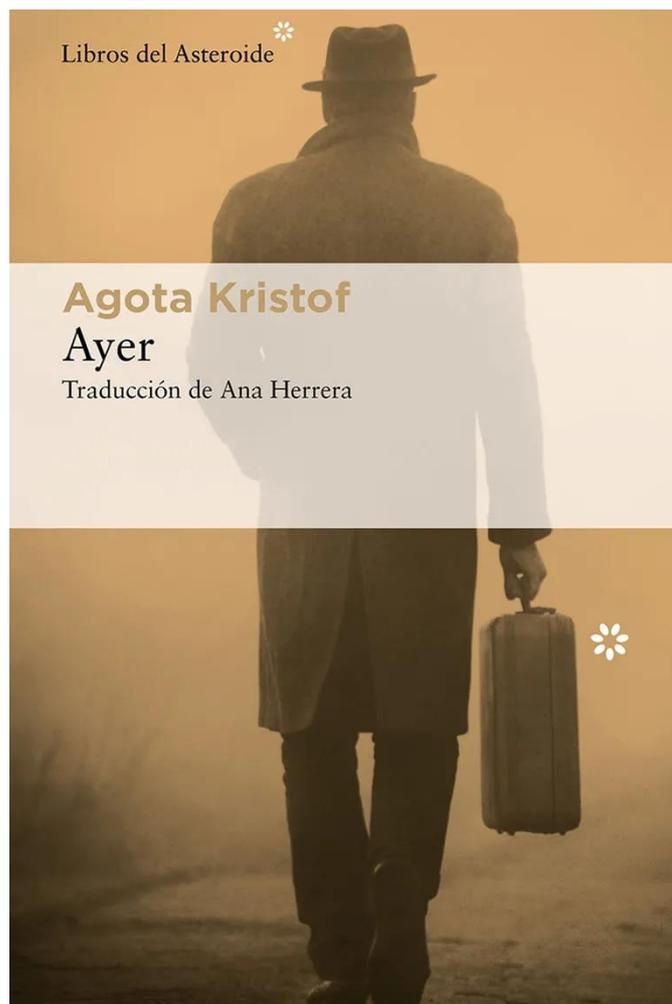
A escritora húngara Agota Kristof conheceu o sofrimento. Ela analisou-o como um entomologista olhando para uma mosca para desenhá-la. Ela sentiu isso de perto, mas foi capaz de se distanciar e relacioná-lo de uma forma direta, crua, selvagem. “Com certeza meu jeito de escrever vem do teatro. diálogo puro. Apenas para a direita, sem enchimento, sem gordura. Por que dar a volta?”, disse numa entrevista em 2007.

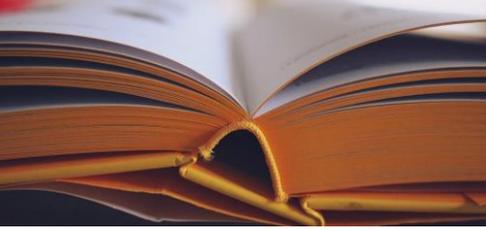
Quando criança, ela gostava de contar histórias. Às vezes, sua avó a visitava: ela tentava adormecê-la com histórias que já ouvira centenas de vezes. Agota disse-lhe que não era assim. Ela poderia explicar melhor essa história. Começou com uma frase, não importava qual, e tudo estava acorrentado. Os personagens apareceram, os diálogos e a trama se espalharam como os cacos de uma bomba da Segunda Guerra Mundial.

Aos 14 anos, ingressou em um internato: a meio caminho entre um quartel e um convento, uma mistura de orfanato e reformatório. Nas salas de estudo exigiam silêncio. Um silêncio adolescente inquieto. Agota não sabia o que fazer: "Começo a escrever uma espécie de diário e invento uma escrita secreta para que ninguém possa ler. Escrevo meus infortúnios, minha dor, minha tristeza, tudo o que me faz chorar em silêncio à noite na cama. Lamento a perda dos meus irmãos, dos meus pais, da casa da família onde vivem agora alguns estrangeiros. Choro, sobretudo, minha liberdade perdida", relembrou a autora no livro *O analfabeto*, coletânea de narrativas autobiográficas que editou em 2004 porque precisava do dinheiro e depois se arrependeu de ter publicado.

O estrangeiro

Em novembro de 1956, aos 21 anos, foi exilada da Hungria. Seu marido havia participado da revolução contra o regime pró-soviético, mas a revolta foi sufocada. Eles não tiveram escolha a não ser fugir. Uma noite, com a sua filha de quatro meses, ela cruzou a fronteira entre a Hungria e a Áustria. "Às vezes projetores e foguetes iluminam tudo: ouvimos fogos de artifício, tiros. Então o silêncio e a escuridão voltam."





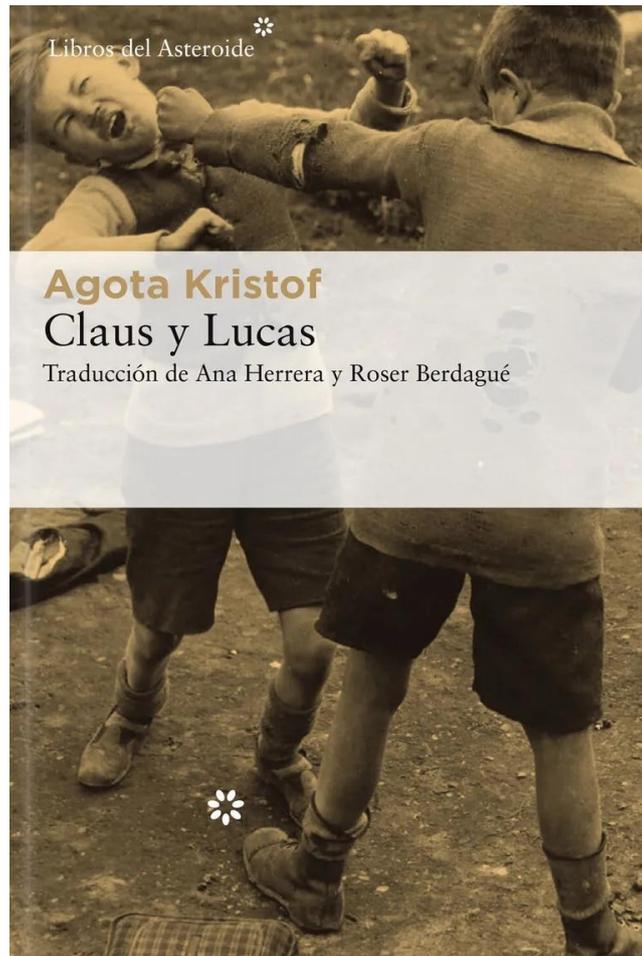
Chegou à Áustria e depois viajou para a Suíça. Lá foi trabalhar numa fábrica de relógios. Os seus companheiros eram agradáveis, sorriam para ela e falavam com ela em francês: ela não entendia uma palavra. Levantou-se às 5h30 da manhã, deixou a filha na creche, digitou o cartão às 7h e durante 10 horas, sob o barulho estrondoso das máquinas, fez movimentos mecânicos, marcou de novo, procurou a bebé. Colocou-a na cama, arrumou a casa, lavou a louça e só depois se sentou com seu caderno. "Para escrever poemas, a fábrica é muito boa. O trabalho é monótono, você pode pensar em outras coisas e as máquinas têm um ritmo regular que ajuda a contar os versos. Na minha gaveta tenho uma folha de papel e um lápis. Quando o poema toma forma, eu anoto. À noite, limpo num caderno".

A fábrica, o tédio de trabalhar em uma fábrica, aparecerá no romance *Ontem* (escrito em 1972 e publicado em espanhol pela editora Libros del Asteroides), mas ainda não. Naquela época, o escapamento eu escrevi anonimamente. Mesmo quando isso só interessava a ela, mesmo quando tinha a impressão de que nunca interessaria a ninguém. Ainda estava no escuro, como quando ele caminhava com a filha no meio dos clarões. Acumulou manuscritos em gavetas e os esqueceu para escrever outros. Enquanto isso, ele estava lutando contra a língua francesa: uma luta dura. Na fábrica, ela só falava com os colegas no banheiro. Enquanto fumavam, ensinavam-lhe o essencial. Tocaram em seu cabelo e o chamaram de "cheveux". Tocavam-lhe os braços, as mãos, o nariz e naquela estranha língua repetiam: "bras", "mains", "nez". Ela assentiu. Ele venceria essa luta: 50 anos depois, após sua morte em julho de 2011, os críticos franceses a considerariam uma das canetas mais importantes da literatura francesa no final do século XX, junto com Samuel Beckett e Eugène Ionesco, mas ainda não. Na época, ela se considerava analfabeta. Ela se matriculou nos cursos de verão da universidade para aprender a ler e, depois de fazer um teste de nivelamento, foi colocada com os iniciantes.

Dez anos depois, finalizou duas peças em francês apresentadas em um bar. Todas as sextas e sábados, os poucos participantes a aplaudiam. O som daquelas palmas a encorajou a continuar escrevendo.

Em seguida, enviou alguns textos para o rádio: foram lidos por atores e atrizes profissionais. Entre 1978 e 1983, a Swiss Francophone Radio estreou cinco de suas obras. Ele começou a escrever contos sobre suas memórias de infância. Fê-lo com paciência e obstinação, sem perder a fé no que escrevia. Durante dois anos, narrou a história de dois irmãos. Essas histórias formavam um romance.

Na ficção, os irmãos Claus e Lucas também escrevem. "Temos uma regra muito simples: a redação deve ser verdadeira. Devemos escrever o que é, o que vemos, o que ouvimos, o que fazemos. É proibido escrever: "a cidade é bonita", porque a cidade pode ser bonita para nós e feia para os outros. Vamos escrever: "comemos muitas nozes" e não "gostamos de nozes", porque a palavra "gosta" não é uma palavra segura, carece de precisão e objetividade. "Nós gostamos de nozes" e "gostamos de nossa mãe" não podem significar a mesma coisa. A primeira fórmula designa um sabor agradável na boca e a segunda, uma sensação. As palavras que definem os sentimentos são muito vagas; é melhor evitá-los e ater-se à descrição dos objetos, dos seres humanos e de si mesmo, ou seja, à descrição fiel dos fatos".



Embora fosse o primeiro romance que escrevera, Kristof tinha a convicção, a certeza, de que seria publicado sem problemas. Ele enviou três cartas, juntamente com três manuscritos, para as editoras mais importantes de Paris: Gallimard, Grasset e Seuil. Um mês depois, foi surpreendida por uma rejeição educada e impessoal dos dois primeiros. O editor de Seuil ligou para ela e disse que queria publicá-lo.

Saiu com o título *O Grande Caderno*, foi traduzido para 18 idiomas e ganhou o Prémio Moravia da Itália, o Prémio Schiller da Suíça e o Prémio Austríaco de Literatura Europeia.

Kristof então continuou a história: ele escreveu *The Test* e *The Third Lie*, que a editora Libros del Asteroides publicou em espanhol como parte da trilogia *Claus e Lucas*. Sem dúvida, um dos melhores romances dos últimos tempos.

Cuando se pierden la patria y las esperanzas: notas sobre las letras de Agota Kristof

Los personajes de Agota Kristof sufren los estragos de la Segunda Guerra Mundial y el totalitarismo; viven rodeados de la desolación y la muerte.

DANIEL FRANCISCO MARTÍNEZ

Ciudad de México / 30.01.2022

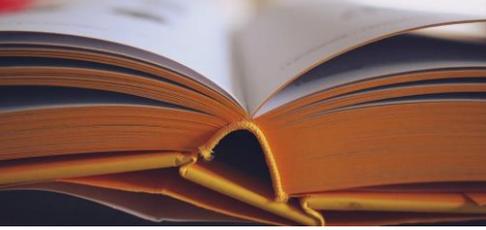


Agota Kristof y su libro 'Claus y Lucas'

La rebelión y los sueños de libertad tuvieron un alto costo en la Hungría de 1956: el exilio y la muerte. El 4 de noviembre de ese año, 200 mil soldados y 5 mil 500 tanques de la entonces Unión Soviética atacaron a ese país. El recuento: 25 mil húngaros murieron y 200 mil huyeron hacia la frontera austriaca, entre ellos, la escritora Agota Kristof.

En su libro *La analfabeta* escribe que después de enterarse por las noticias de la muerte de un niño turco en la frontera suiza, "la voz de mi memoria se eleva en mi interior con estupefacción: '¿Cómo? ¿Te has olvidado de todo? Tú hiciste lo mismo, exactamente lo mismo. Y tu hija era casi una recién nacida". Su hija dormía en los brazos de su padre, ella llevaba dos bolsas. En una de ellas "hay biberones, pañales, ropa para cambiar el bebé; en la otra, diccionarios".

El refugiado tiene que adaptarse al nuevo país, a la nueva tierra, a otro clima. Su patria ha quedado lejos, está entre extraños. Kristof recuerda que leía desde niña, a toda hora, en cualquier rincón. La había atrapado "la incurable enfermedad de la lectura". En Hungría era



la hija de un maestro, en Suiza era una obrera. En su novela *Ayer* lo describe así: "Correr hacia la máquina, ponerla en marcha, hacer el agujero lo más deprisa posible, perforar, perforar, siempre el mismo agujero en la misma pieza, diez mil veces al día si es posible, de esa velocidad depende nuestro salario, nuestra vida. El médico dijo: —Es la condición obrera. Debería estar contento de tener trabajo. Hay mucha gente en paro."

Al final de su jornada laboral la escritora hace las compras, va a casa y escribe esos poemas que rondaron por su cabeza todo el día. Palabras en su idioma natal que se mezclaban con el trabajo mecánico. No puede leer ni escribir en francés durante los primeros años. Así lo cuenta en *La analfabeta*: "Así es como, a la edad de veintidós años cuando llego por casualidad a Suiza, una ciudad en la que se habla francés, me enfrento a una lengua totalmente desconocida para mí. Aquí empieza mi lucha para conquistar esa lengua, una lucha larga y encarnizada que durará toda mi vida".

Los personajes de sus novelas sufren los estragos de la Segunda Guerra Mundial y el totalitarismo, viven rodeados de la desolación y la muerte. En su novela *Claus y Lucas* un par de niños gemelos se enfrentan a la crueldad de su abuela y al abandono de su madre. Se vuelven un equipo desde pequeños y la maldad se apropia de sus almas sin que ellos puedan decidirlo. Hay que sobrevivir:

"Nosotros la llamamos abuela.

La gente la llama la Bruja.

Ella nos llama hijos de perra".

Javier Rodríguez Marcos, periodista de *El País*, le preguntó en el 2007: "Sus personajes no creen en los sentimientos. ¿Y ella? ¿Cree en los sentimientos? Cuando escucha la pregunta levanta las cejas, guarda un largo silencio y, con la misma cordialidad con que abrió la puerta, responde: 'No'".

El empecinamiento de escribir viene de un mundo sin luz, esto escribe Agota Kristof en *La Analfabeta*: "Las ganas de escribir vendrán más tarde, cuando el hilo de plata de la infancia se haya quebrado, cuando vengan los días malos y lleguen los años de los que diré: 'No me gustan'".

Pero a diferencia de Tobías, su alter ego, el protagonista de su novela *Ayer*, ella no se dará por vencida y seguirá escribiendo. Sabe que será publicada. Tras las cartas de rechazo de las editoriales Gallimard y Grasset llegan las buenas noticias: "Me digo a mí misma que tengo que ponerme a buscar direcciones de otros editores cuando, una tarde de noviembre, recibo una llamada telefónica. Gilles Carpentier, de Éditions du Seuil, me dice que acaba de leer mi manuscrito y que hace años que no leía algo tan bello. Me dice que lo ha leído por segunda vez y que piensa publicarlo".

Una pregunta ronda siempre a la escritora, la manifiesta en *La analfabeta*: "¿Cómo habría sido mi vida si no hubiera dejado mi país? Más dura, más pobre, pero también menos solitaria, menos rota; quizá feliz".

Ágota Kristóf, a estrangeira



[por Jolanda Di Virgílio](#) 24.07.2019

ILIBARIO.IT

A escrita de Agota Kristof (1935 - 2011) é esparsa, cruel, sentimental: real. O que ela conta não precisa de frescuras ou enfeites: é o retrato de uma dura realidade que ela compartilha muito com a sua biografia. Através dos seus livros, da "Trilogia da cidade de K." a "Ieri", a escritora húngara representa a condição de quem é obrigado a deixar sua terra natal para se refugiar em um país estrangeiro... - Um estudo aprofundado da sua vida e de algumas das suas obras.

Desagradável. É um dos adjetivos mais recorrentes quando se fala da escrita de **Agota Kristof**. Um adjetivo que, mesmo lendo-o, evoca uma sensação de repulsa, náusea, medo. No entanto, paradoxalmente, não há um momento em que seja usado com uma conotação negativa. A escrita de Agota Kristof é desagradável na medida em que é esparsa, cruel, sentimental: real. Um **soco no estômago** que deixa o leitor desesperadamente triste.

O que a **escritora húngara** conta nos seus livros não precisa de frescuras ou enfeites: é o retrato de uma **dura realidade** que ela compartilha muito com a sua biografia.

Nascido em 1935 em Csikvánd, um lugar "sem estação, eletricidade, água canalizada, telefone", Kristof cresceu num **país pobre**, atormentado pela miséria e pela fome. As **lembranças** desse período, no entanto, serão sempre as mais doces de todas, pois, apesar de tudo, Agota está em sua terra natal, rodeada de familiares e amigos.

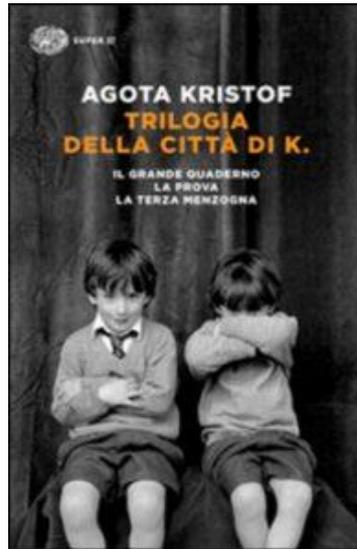
Em **1956**, ela foi forçada a fugir devido à **invasão soviética pós-húngara** da revolução. Ela está nos seus vinte e poucos anos e tem **uma** menina de onze meses de idade. Ele a envolve nas costas e foge para **a Suíça francófona**, junto com o marido. Aqui ela deve aprender a reconstruir uma nova vida: começa a trabalhar como **operária** numa **fábrica**, divorcia-se e une-se a outro homem, um suíço, com quem terá outros dois filhos.



Mas nem tudo é tão fácil quanto parece. **Agota vivencia a fuga como um trauma** do qual jamais poderá se recuperar: "Sim, nesse período choro todas as noites, durante meses inteiros ou anos, e choro tanto que depois quase nunca vou conseguir chorar novamente, como se eu já tivesse chorado o suficiente para o resto da minha vida. **Lamento a perda, dos meus irmãos, dos meus pais, da nossa casa, que agora é habitada por estrangeiros**".

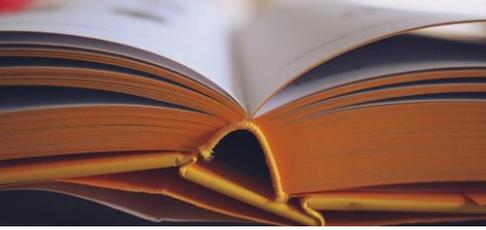
Saindo da Hungria, ela se encontra literalmente em **outro mundo**: há pessoas diferentes, na sua maneira de se comportar, vestir, falar. A linguagem apresenta-se imediatamente como o obstáculo mais pesado, tão difícil de superar quanto mais enraizado na **sua identidade**. Ela fala sobre isso no conto autobiográfico **L'illfabeta** (Casagrande, tradução de L. Bolzani), onde escreve: " **No início havia apenas uma língua**. Objetos, coisas, sentimentos, cores, sonhos, cartas, livros, jornais, eram essa linguagem. Nunca imaginei que pudesse existir outra língua, que um ser humano pudesse proferir palavras que eu não seria capaz de entender. Por que ele deveria fazer isso? Por que razão? "

A história descreve de forma atroz e, de fato, desagradável **a condição do migrante que deve se adaptar a uma realidade da qual se sente alheio**. O mesmo conceito aparece em quase todas as suas obras, e em entrevista a [Sandra Petrignani](#) a autora reitera **encontrar-se sozinha num país cuja língua ela não conhecia**".



Tomemos uma de suas obras mais famosas, [*Trilogia da cidade de K.*](#) (Einaudi, traduções de Armando Marchi, Virginia Ripa di Meana e Giovanni Bogliolo). Composta por três romances - *Il grande quaderno*, *La prova*, *The third lie* - a obra surge pela primeira vez na França por volta de meados da década de 1980, gerando imediatamente surpresa nos leitores. Nos seus livros, Agota representa as tragédias da guerra com um desespero frio e surdo, como se escrevesse com os olhos de uma criança que nunca julga nada, mas que apenas registra o que acontece com **implacável ingenuidade**. É ainda mais doloroso ler os *Trilogi* pensando que, em certo sentido, Agota viveu tudo o que conta na pele: ela também, como os **gêmeos protagonistas**, viu a sua própria cidade sitiada por exércitos estrangeiros e foi obrigada a pedir asilo noutro país. Na obra, porém, a presença de dois personagens permite-lhe explorar, pelo menos na ficção literária, dois caminhos distintos: se Klaus foge, assim como Agota, Lucas fica. Os três livros traçam a separação dos dois irmãos e a sua descoberta após a guerra mas, além da trama, no centro da escrita está o tema do **desapego**, em todas as suas várias formas: desapego dos afetos, da terra amada, da linguagem, de uma vida que, uma vez perdida, desaparece e nunca mais pode ser idêntica noutro lugar.





Mas a *Trilogia* não é a única narrativa autobiográfica de Kristof. No romance **Ieri** (Einaudi, tradução de Marco Lodoli), a escritora conta mais uma vez a história de um **emigrante**, Tobias Horvath, e o seu amor impossível pela bela Line, também exilada. Os dois trabalham como operários numa fábrica, mas querem libertar-se dessa existência habitual: ela sonha em ser professora, enquanto ele gostaria de se tornar escritor.

Há um **mistério** que se insinua inexoravelmente pelas páginas de *Ontem*, e que diz respeito ao passado do jovem protagonista: Tobias sempre viveu na miséria, escarnecido por ser **filho de uma prostituta** e atormentado pelo ciúme que sentia da mãe, sempre acompanhada por homens diferentes. Até que, uma noite, o menino decide se rebelar: pega uma faca e a enfia nas costas do homem que está fazendo amor com sua mãe, perfurando os dois. Tobias descobriu que o homem **é seu pai** e não pode perdoá-lo por abandoná-lo, condenando-o a uma vida de **infelicidade**. Depois de cometer o **assassinato** (na verdade o homem e a mulher ainda estão vivos, mas ele ainda não sabe), o menino foge e tenta começar do zero noutro país. O que ele não sabe, porém, é que nunca se pode libertar completamente do passado, que os **traumas** vividos afetam continuamente o futuro, que é impossível, por mais que se deseje, construir uma nova identidade.

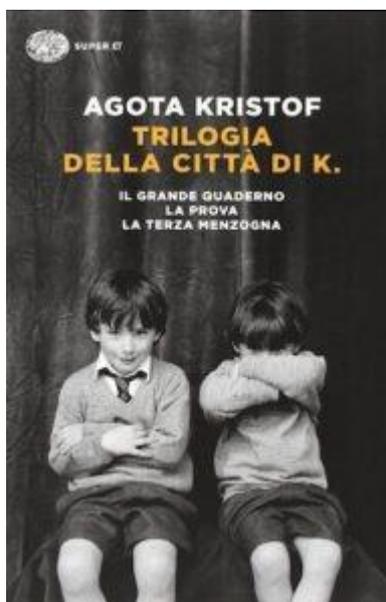
Ainda na entrevista citada, Agota Kristof afirma que na novela Tobias é a figura que mais a representa, e não Line. Afinal, é ele quem faz o escritor dizer "é **tornando-se absolutamente nada que se pode tornar-se escritor**". Assim também ela, depois de ter vivido eventos ferozes e cruéis, ainda conseguiu alcançar um dos seus maiores objetivos: ainda, para ela, a escrita nunca será um instrumento de **salvação**, mas de **redenção**. Isso também é demonstrado pelo facto de que, até à sua morte (que ocorreu na Suíça, em 27 de julho de 2011), Agota **quase sempre escrevia em francês**, a língua estrangeira que ela define como " **inimiga**" ("essa língua está matando minha língua mãe").

Através da escrita, consuma-se a luta que é a **integração** a uma nova cultura, os livros de Kristof representam **a guerra contínua daqueles que perderam suas terras e nunca poderão voltar**: "Falo francês há mais de trinta anos. Escrevo há vinte anos, mas ainda não sei. Não posso falar sem erros, e só posso escrevê-lo com a ajuda de um dicionário a ser consultado com frequência [...]. Essa língua, o francês, não foi minha escolha. Foi-me imposto por acaso, pelas circunstâncias. Sei que nunca serei capaz de escrever como os escritores nascidos na França. Mas vou escrever o melhor que puder. É um desafio. **O desafio de um analfabeto**".

"Il Grande Quaderno" de Agota Kristof: um narrador indiferenciado

[Revista Oubliette 10/12/2021](#)

Este é um daqueles livros que quando você os lê, mal pode esperar para terminá-los, porque assim, você espera, eles vão parar de te machucar. E se você decidir escrever um comentário é como se, de repente, você se encontrasse nas montanhas e tivesse que decidir **se resiste ao inimigo ou se esconde**. Não há alternativas. Ou sim, você pode tentar lutar contra o que o está oprimindo e, ocasionalmente, se esconder por algumas semanas, **de férias de sua angústia**.



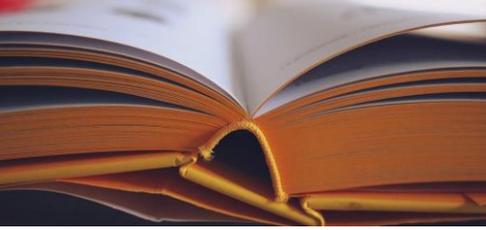
Trilogia da cidade de K. por Agota Kristof

"Il Grande Quaderno" é o primeiro romance da [Trilogia da cidade de K.](#) da famosa autora húngara [Agota Kristof](#), então suíça naturalizada, que sempre escreveu em francês, língua que, ao que parece, nunca conseguiu dominar bem, tanto que ela mesma se autodenominava analfabeta.

Nada de sério, a escrita tem vários aspectos, a sintaxe é uma entre muitas. Márquez, em *Living to tell it*, escreveu que os seus revisores enlouqueceram perseguindo seus agramaticais e, apesar disso, ele ganhou o [Nobel](#).

"Viemos da cidade grande. Viajamos a noite toda. Nossa mãe tem olhos vermelhos. Traz uma grande caixa de papelão, e nós dois carregamos uma pequena mala cada um com nossas roupas, além do grande dicionário de nosso Pai, o qual trocamos quando nossos braços estão cansados".

Estas são as palavras de abertura, que indicam as principais características da escrita deste romance que não são iguais, para mim, no conto das minhas leituras. Eu não disse que tem poucos iguais, mas que não tem nenhum.



É o primeiro livro com um indiferenciado *nós* narrando, o que não significa *eu e o outro*, mas *nós*. *Nós*, significa nós gémeos.

A Cidade Grande, tão perigosa, forçou a mãe dos dois protagonistas à Grande Fuga.

"*Nossa Mãe tem olhos vermelhos*", daquela cor que é a mais difundida naquele período, que só pode ser definida como trágica, mesmo que não leve, temo, à catarse.

A mãe "*carrega uma grande caixa de papelão, e nós dois carregamos uma mala pequena cada um com nossas roupas, além do grande dicionário de nosso Pai, o qual passamos quando nossos braços estão cansados*". - a grande vantagem de ter um gémeo.

O tamanho das malas indica que cada um carrega a sua própria carga de preocupações, mas também de recursos. O que importa é que os últimos ajudem a gerir os primeiros.

A substância de que são feitas as malas indica que elas não foram compradas em um *Outlet*, uma cidade mercantil recorrente hoje, de Fidenza a Eboli, mas que na época não podia nem ser hipotetizada, **mas sim arranjada à mão de alguma forma**. Aqueles eram tempos.

O dicionário paterno será significativo para o crescimento mental e cultural dos dois filhos. **Eles gastam de vez em quando**, sendo, como tudo o mais, de propriedade conjunta (como seus quatro braços).

A mãe deixa os dois bebés, que têm idade indefinida, com a avó. Só descobrirei dando um salto absurdo num Universo Paralelo que coexiste com este. **Eles são gémeos e têm aproximadamente 9 anos**. um se chama Lucas e o outro, desnecessário fazer de propósito, Claus. Eu também vou descobrir isso no outro multiverso.

"*Nossa avó é a mãe de nossa mãe.*" - nem um nome nem um sobrenome serão indicados no livro. Mesmo a cidade e a nação em que o povo vive, e nem mesmo os antigos opressores e os novos, são identificados de forma alguma. **O nome é um presente que se dá** a alguém por quem se sente empatia, e aqui só há medo, desconfiança, solidão. Um exemplo: "*Nós a chamamos de vovó.*"

As pessoas a chamam de Bruxa. Ela nos chama de filhos da puta."

Alguns (praticamente todos os que conhecem a história, interpretando-a) **acreditam que a Bruxa envenenou o marido**, o pai da Mãe, o chamado Avô. Agora entendo a piada que a mãe disse, acusada pela avó de tê-la deixado sozinha por dez anos. "*Você sabe porque. Eu amava meu pai.*"

E também é explicado por que a vovó chama os dois dessa maneira ofensiva. **A cadela era a filha.**

Os dois ainda são galhos verdes, mas resistentes, **quase indestrutíveis**. Eles vivem e lutam para ser.

"*Estamos nus. Batemos um no outro com o cinto. Dizemos a cada golpe: - Não dói. Em pouco tempo, não sentimos nada. É outra pessoa que tem dor, é outra pessoa que se queima, que se corta, que sofre*".

Eles não gostam dos gritos horríveis da vovó e dizem a ela: "*Pare de gritar, vovó, bata em vez disso!*"

São soldados do sofrimento: "Olha, vamos dar a outra face, como está escrito na Bíblia. Bata na outra bochecha também, vovó." Se tem um livro que a vovó não sabe o que fazer **é a Bíblia**. Chamado de *inter nos*, é analfabeto.

Os dois parentes disparam epítetos como "Idiota! Idiota! ", Ou " Foda-se! Desgraçado!" e continuam " *assim até as palavras não entrarem mais em nossos cérebros, não entrarem nem em nossos ouvidos* ".

Depois vão para a rua para provocar os transeuntes desavisados e desta forma, fazendo-os responder mal, " *vemos que finalmente conseguimos ficar indiferentes* ".

Diversificam os treinos, **se autodenominando bobagens afetivas**, como: "Meus queridos! Meus amores! Eu te amo... Não, eu nunca vou te deixar... Eu vou te amar só... Sempre... você é minha vida inteira... "

Frases desconexas cujas "palavras perdem gradualmente o sentido e a dor que trazem diminui". Na verdade, uma tapinha na bochecha **quando está sangrando dói muito**.

O Pai não poderia suportar essa unidade de propósito, como se fosse um único Ser que raciocinasse e realizasse seus próprios atos. **Ele então os separou, colocando-os em classes diferentes**. Quando ambos, devido à asfixia consequente, desmaiaram, **a Mãe disse-lhes:** "A partir de amanhã estarão na mesma turma." **O Pai os chamava** " Simuladores! "

A avó os leva de volta porque falam " *muito corretamente* " e dizem frases não típicas de sua idade, como: " *disposto a realizar* ". Não, isso não é bom, mas **eles não se intimidam em perseguir seu objetivo**, que é a sobrevivência entendida apenas à sua maneira.

Eles escrevem temas e os corrigem uns aos outros, colocando o julgamento " *no final da página* ": " *Bom ou Não Bom. Se não estiver bom, vamos jogar o tópico no fogo e tentar lidar com o mesmo tópico na próxima lição. Se estiver OK, podemos copiar o tema no Big Notebook.*"

Observe o verbo inevitável na primeira pessoa do plural: vamos **jogar**.

"Para decidir se é Bom ou Não Bom, temos uma regra muito simples: o tema deve ser verdadeiro. Temos que descrever o que vemos, o que ouvimos, o que fazemos." **Terrível**. Eu também jogo (mesmo que para eles a vida esteja em jogo, para mim também, mas com menos urgência). *Eu acendo imenso*. Verdadeiro? Ah! *Entre uma flor cultivada e outra sonhava com o nada inexprimível*. Eu penso que não. *Uma coisa de beleza é uma alegria para sempre*. Hum! **Acho que passaria a vida inteira pensando nisso**. Eles não têm isso todo esse tempo.

São um pouco fundamentalistas: "Comemos muitas nozes.": Bom. " *Nós amamos nozes* ", Non Bene, " *porque o verbo amar não é um verbo seguro, carece de precisão e objetividade.*" - que é a sua beleza!

Os dois não perseguem a Beleza, mas sua negação: um estoicismo que não pode ser mais atarácico. Como dizem nestes casos: *Ó tempora o mores!*

Eu estava pensando na declaração deles: " *Nós nunca jogamos* ". - Que é uma frase ambígua, eu diria um Não Bom, pois brincar também é um termo como Beleza: **falta uma regra única**.

Aos que pedem para guardar segredo, e nem contar para a mãe, eles respondem: " *... a gente nunca diz nada a ninguém e não temos mãe*".

A verdade deve ser traduzida, na ausência de qualquer outra coisa, em ficção, e aqui queremos dizer que *nunca dizemos nada de que não precisemos e não temos, nem teremos por muito tempo, uma mãe a quem para dizer algo.*

Quando aquele homem (que é um desertor) começa a chorar, eles lhe dizem: "Você sabe que chorar é inútil? Nós nunca choramos. No entanto, ainda não somos homens feitos como ela."

Outros treinos necessários: "Hoje e amanhã não vamos comer. Só vamos beber água". Vovó, a Bruxa, não pode responder exceto com um "Eu não me importo. Mas você vai trabalhar como de costume. "Ao que eles respondem com um muito sábio:" Claro, vovó.

Até agora eu ainda não peguei um ponto de exclamação relacionado aos seus discursos. **Na verdade, eles não exclamam, eles falam.** Eles sabem exigir seu pagamento (em espécie), quando dizem à Bruxa: "Vamos comer um frango todo domingo, quer você queira ou não".

Eles se tornaram assassinos disponíveis, então eles dizem a ela: "Quando há algo para matar, queremos ser chamados. Nós o faremos. "

Para se exercitar, começam a cortar a vida de peixes, galinhas, coelhos, patos, sapos, borboletas (eu fiz isso também, com várias mariposas e até com *cetônias douradas*): "Um dia penduramos nosso gato em um galho, um macho moreno. Enforcado, o gato se estica, fica enorme. Quando ele não se move mais, nós o separamos. Ele fica parado na grama, imóvel, então se levanta abruptamente e foge." Permanece óbvio que **o felino nunca mais será visto** naquele pátio temível.

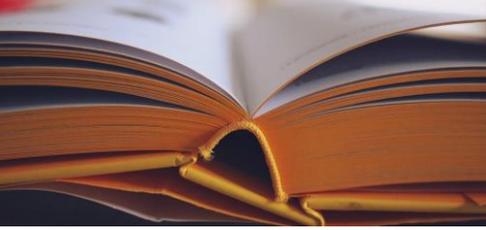
O sapateiro quer dar-lhes botas, mas eles lhe dizem que não gostam de presentes, "porque não gostamos de agradecer". Ele insiste e eles mudam de ideia e ao cumprimentá-lo dizem: "Adeus, senhor, e obrigado, muito obrigado".

Às vezes eles usam chantagem, mas apenas se não puderem evitá-la. Ao cura, que não quer satisfazer suas demandas financeiras, eles dizem: "Amanhã vamos jogar até que ele nos deixe entrar. Vamos bater nas janelas, chutar a porta e contar a todos o que ele estava fazendo em Harelip." **Esta é uma boa extorsão.** Harleip precisa de dinheiro para sustentar a si mesmo e sua mãe. Que Harelip é uma menina que o clérigo costumava pedir para mostrar a buceta dela ("E às vezes ele colocava o dedo nele. E então ele me dava dinheiro para eu não contar a ninguém. Diga a ele que Harelip e sua mãe eles precisam de dinheiro.").

O pároco lhes dá ampla satisfação e diz: "Mas não pensem que estou fazendo isso para ceder à sua chantagem, estou fazendo por caridade". Eu acredito, meu cura. Como eu acredito em seu Senhor. Quando, pontual como o fisco, eles voltam, o pároco lhe pergunta: "Como? Você já leu toda a Bíblia Sagrada?" E eles dizem: "Sim, senhor. Sabemos muitas passagens de cor." **Para uma pergunta subsequente:** "Então você conhece os Dez Mandamentos. Você os respeita?", eles respondem com uma lógica de ferro: "Não, senhor, nós não os respeitamos. Ninguém os respeita. Está escrito: 'Não matarás', e todos matam".

No entanto, educados são educados. Inteligente também. **Tudo o que eles precisam é de uma pitada de alma.** Ou, se eles têm, eles o alocaram em outro lugar.

"Que tipo de livros você gostaria de ler?" **Eles respondem:** "Livros de história e livros de geografia. Livros que contam coisas reais, não inventadas."



Guido Morselli

Nem Ficções de Borges , nem Dissipação HG de Morselli , nem outras 124.872,4 obras literárias, portanto.

O oficial (inimigo ou amigo?, uma pergunta idiota nessas situações) aprecia o que interpreta erroneamente como atos masoquistas, o " *bater-se com o cinto* ". **O atendente** que traduz a língua de seu superior explica para ele).

Tentam explicar por que fazem isso: "*Só queremos superar a dor, o calor, o frio, a fome, tudo o que dói*".

Aquele estranho degenerado não consegue entender e pede que eles o chicoteiem nas costas que "*está riscado com linhas vermelhas*".

Tudo fica dessa cor: "*o corpo, o cabelo, a roupa do oficial, os lençóis, o tapete, nossas mãos, nossos braços são vermelhos*). Então ele vai pedir para eles não urinarem no pátio, mas "*em mim. Não tenha medo. Xixi! No meu rosto.* " **Eles fazem,** por bondade.

O oficial e seu amigo às vezes são como cães e gatos, e o amigo pede ao outro que atire nele se for corajoso. A situação parece precipitar-se quando, com paixão exagerada, o oficial se lembra de um menino que morreu aos dezenove anos e depois se derrete em sua emoção. E o amigo, ciumento, o chama de "*Vampira!* "

Os dois percebem o problema dela e oferecem: "*Vamos matá-la se ela realmente quiser. Dê-nos a sua arma.*" - e ele os chama de "*Pequenos bastardos!*"

Os dois aprendem algumas músicas e tocam (na verdade, um canta e o outro toca gaita: qual dos dois é o músico que vou descobrir mais tarde naquele multiverso; por exclusão o outro é o cantor) e começam a ir às tavernas, cheios de todos os tipos de mutilados, veteranos, infelizes. Depois da última música e depois que alguém disse uma curiosidade como Well (Vera): "*Ninguém queria essa guerra. Ninguém, ninguém.*", As duas partículas simétricas saem.

"*A lua ilumina as ruas e o caminho empoeirado que leva à casa da vovó.*"

O cura pensa sempre nas suas almas e convida-as a rezar com ele. A resposta deles o desloca (mas agora ele está acostumado): "*Nós nunca oramos, ele sabe muito bem. Queremos entender.*"

E dizem uma verdade que perturba sua consciência: "*Nunca nos esquecemos de nada*".

Recolho uma frase na página 87: "*O fruto nunca cai longe de sua árvore.*" - o que me lembra um ditado da minha parte do mundo: *da un pòm an pol mia nàser un pîr* , então todos devem se parecer com a planta mãe, mas eu sei que esse fato nunca é inteiramente verdade. Mas os dois ditos são parecidos e me levam a crer que **a história que estou lendo**

É minha também, porque aqui, há oitenta anos, a situação era quase a mesma. **Quem disse essa sentença** quer que os dois meninos confessem um crime que não cometeram e depois recorram à violência, " *chutando-os nas costelas, nos rins, no estômago* ". No fim " *Não podemos mais abrir os olhos. Não ouvimos mais nada. Nosso corpo está inundado de suor, sangue, urina, excremento. Perdemos a consciência.* "

Alguém fez um ataque em que a empregada do pároco foi a vítima: " *Esta manhã, enquanto ele acendia o fogo como de costume, o fogão da cozinha explodiu. ele acertou em cheio no rosto. ele está no hospital.* " **O pobre está para sempre desfigurado**. No começo escrevi *transfigurado*, mas depois corrigi.

Dessa investigação amaldiçoada, os dois saem de cabeça erguida, **presumivelmente inocentes**. Por outro lado, dois tão super treinados estão destinados a superar qualquer adversidade. Espero que pelo menos.

Aos que lhes perguntam: O que vocês estão fazendo aí, deitados no chão, sem se mexer por horas? **Para a próxima pergunta**: " *Por que você não come nada hoje?* ", desta vez a resposta não demora a chegar: " *Hoje é o dia do exercício de jejum.* "

As duas gêmeas perguntam ao cura o que aconteceu com a empregada. Este responde-lhes: " *Alistou-se, foi à frente tratar dos feridos. Ela está morta.* " - ele então pergunta se eles pretendem confessar.

A quem se ilude para convencê-los de seus pecados, eles simplesmente respondem: " *Não nos arrependemos de nada. Não temos nada a lamentar.* "

Uma visão os apanha de surpresa (você não pode estar preparado para tudo), então: " *Vamos vomitar. Deixamos o campo de corrida. Vamos para casa. A avó chama-nos para ir comer, mas mesmo assim vomitamos.* " **Para uma avó estranhamente preocupada** que os acusa de terem " *comido alguma porcaria de novo* ", eles mentem (não Bom, mas Necessário): " *Sim, maçãs verdes.* "

Dizem-me que é **o Necessário que** faz brotar a ficção literária do Nada.

Eles cuidam da mãe de Harelip, que deseja morrer: " *Cortamos a garganta dela com uma navalha, depois vamos buscar gasolina em um veículo do exército. Polvilhamos com gasolina os dois corpos e as paredes do barraco. Vamos acender o fogo e ir para casa.* "

O segundo corpo era de Harelip que, do seu ponto de vista, fez **a melhor morte**, não pela mão, mas por outra coisa de estrangeiros. " *Sim. Foi ela quem os chamou. Ela saiu para a rua e fez sinal para eles virem. Havia doze ou quinze deles. E enquanto eles montavam nela, ela não parava de gritar: 'Como estou feliz, como estou feliz! Venham todos, venham, mais um, mais outro.'* Ela morreu feliz, fodida até a morte. Mas eu, eu não estou morto! Estou deitada aqui sem comer, sem beber, não sei quanto tempo. E a morte não vem. Quando você a chama, ela nunca vem. Ele gosta de nos torturar. Estou ligando para ela há anos e ela me ignora. "

Você, que está lendo para mim, o que faria se estivesse no lugar dessas duas criaturas benéficas?

Eles gostam muito de línguas e são ensinados pela vovó a língua que ela usa quando está bêbada, que é sua língua materna, e que também é a dos próximos invasores.

Essa pobre Bruxa tem um ataque de apoplexia, que com dificuldade se recuperará, e enquanto isso os dois meninos a *comem*, cuidam dela, a alimentam. Quando ela estiver

melhor, ela os faz prometer que, no caso de um segundo ataque, eles terão que curá-la permanentemente, assim como fizeram com a mãe de Harelip. **Pacto mantido.**



Agota Kristof

Toda promessa, de vida ou morte, muda pouco, é uma dívida (assim me disse a irmã Bice quando fui para o jardim de infância).

Antes que a avó morresse, a mãe voltou que queria levá-los com ela (e com uma irmãzinha), Ani, ela os exigiu. A avó também é contra. **Ela insiste.** Antes de decidir o que fazer, ela explode, não de alegria, mas com uma granada.

*"Quando nosso pai chega, nós três estamos trabalhando na cozinha, porque está chovendo lá fora." **Ele pergunta à avó sobre sua esposa**, que "sorri: - Toh! ela realmente tinha um marido!"*

A avó diz ao homem onde cavar. Quando ele a encontra ele pergunta: "O que é isso, essa coisa sobre ela?" - **não havia reconhecido o bebê**, é claro. "Pai não responde. Olha para os esqueletos. Seu rosto está molhado de suor, lágrimas e chuva..."

Os dois meninos têm uma ideia: "... por meses, lixamos e pintamos o crânio e os ossos de nossa mãe e do recém-nascido, depois reconstruímos pacientemente os esqueletos prendendo os ossos uns aos outros com fios de ferro muito finos. Quando nosso trabalho termina, penduramos o esqueleto de nossa mãe em uma viga no sótão e prendemos o esqueleto do bebê em seu pescoço". - Da mesma forma os devotos se preocupam com a preservação dos restos mortais de um santo.

Vários anos depois, "Pai chega uma noite", perguntando sobre a avó ("Ela está morta"). A novidade é que, mesmo correndo risco de vida, ele quer cruzar a fronteira. **Eles o apoiam e lhe dão os conselhos adequados**, oferecendo-se para acompanhá-lo nessa ousada empreitada. Agora ele é o filho que aprende com seus dois pais pequenos.

*"Preparamos quatro ases. Desenterramos o tesouro da vovó: moedas de ouro e prata, muitas joias. Colocamos a maior parte em um saco de estopa. Também levamos uma bomba cada, caso sejamos surpreendidos por uma patrulha. Ao matá-los, podemos ganhar tempo." **Eles têm um plano em suas cabeças**, que revelam parcialmente ao Pai, que "se adianta, coloca uma das tábuas contra a barreira, sobe". Então, "há uma explosão". As duas partículas correm "até a grade com os outros dois eixos e o saco de lona". Enquanto isso, "Nosso Pai está deitado perto da segunda barreira." **Admitem:** "Sim, só há uma forma de atravessar a fronteira: consiste em deixar passar alguém à sua frente". **Vai-se para outro lugar, livre**, por assim dizer, enquanto a partícula simétrica a ele (antagonista?), digamos sua metade virtual, que também se tornou real e volta a cair no Buraco Negro, "na casa da vovó".*

“O teste” de Agota Kristof: escolher é um pouco como morrer

[Revista Oubliette](#) 24/12/2021

Boas notícias para os fãs desta [trilogia da cidade de K.](#), da qual [The Proof](#) é o segundo capítulo: sim, uma das gêmeas foi para lá, mas a das duas que ficou sempre guarda a mãe e a irmãzinha, **seus esqueletos, quero dizer.**



Trilogia da cidade de K. por Agota Kristof

Neste novo *multiverso*, que parece ser uma consequência do primeiro, **alguns detalhes pessoais são revelados.** O fugitivo chama-se Claus, o que resta é Lucas, não só anagramatistas, mas são os dois nomes do avô materno, aquele que morreu envenenado. **Os dois devem ter nascido no início dos anos 30** ou por aí. Eles são homozigotos ou idênticos, fisicamente, de resto não posso me expressar ainda.

Lucas se pergunta: “Como fazer agora?” **E então a resposta é dada:** “Como antes. Você tem que continuar acordando de manhã, indo para a cama à noite, fazendo o que tem que fazer para viver.” Duas outras considerações: “vai demorar” e “talvez uma vida inteira”.

Entretanto... a horta vai... por conta própria... **Lucas não se lembra dos seus compromissos e não se esquece de alimentar os animais** só porque “Eles não se deixam esquecer. Quando estão com fome, gritam.” Lucas está deprimido. Ele pergunta a uma garotinha se ela nunca fica triste. Ela responde: “Não, porque uma coisa sempre me conforta em relação a outra”.

Proponho um minuto de silêncio (e meditação necessária) sobre esta resposta. Quando dizemos que *nem todos os males vêm para prejudicar*, queremos dizer algo semelhante.

Luca sempre gosta do pároco, vai vê-lo todas as noites, joga xadrez com ele e ganha. Agora “Luca dorme novamente em seu quarto, em sua cama. Já não esquece os dias do mercado, já não faz o leite estragar. Ele cuida dos animais, da horta, da casa. Retorne à

floresta para coletar cogumelos e madeira seca. Ele também retoma a pesca." - em suma, vida normal.

Ah, descobri na página 151 que era ele quem tocava gaita. **O irmão era o cantor.** Lucas toca novamente (quem sabe se seu parente ainda está gorjeando), a pedido de um velho, a quem ofereceu uma bebida. Ele agora tem quinze anos, sua mãe o levou para aquela cidade "há seis anos". Ele vai até Peter N., balconista e amigo do Sr. Victor, livreiro que é seu amigo. Até Lucas tem, por enquanto, apenas uma inicial para o sobrenome: T.

O funcionário municipal o conhece pelo nome. À pergunta "Com quem você mora?" Lucas responde: "Moro na casa da minha avó perto da fronteira. Eu vivo sozinho. A avó morreu no ano passado." **Ele então encontra uma certa Yasmine**, que gostaria de afogar seu filho recém-nascido e deformado, mas ela não tem coragem. Lucas se oferece para ajudá-la a fazer o gesto insano, mas ela diz: "Não. Não mais. É tarde demais." E o segue até sua casa, onde Luca: "se levanta, puxa o cobertor que ainda cobre Yasmine. Acaricie seus longos e brilhantes cabelos pretos. Ele também acaricia os seios inchados com leite. Ela desabotoa a blusa, se inclina, suga o leite."

Ele ressalta que a criança tem "uma malformação atrás dele" e ela diz: "também nas pernas". A criança vai para todo lado, engatinhando: "No quarto da vovó, na cozinha, no jardim. Ele se move de quatro." Mesmo que "ele seja corcunda, deformado", com "pernas muito finas, braços muito longos, corpo desproporcional", **ele ainda não sabe que é um inválido.**

"Lucas sai de casa. Mas, em vez de ir para a cidade, ele desce até o riacho, senta-se na grama úmida e contempla a água negra e lamacenta."

Ele conhece Clara, que embranqueceu o cabelo em uma noite: "aquela em que 'eles' enforcaram meu marido por outra traição. Três anos atrás."

Um detalhe torna esse fato ainda mais odioso: **Thomas era inocente.** Mas naquela época a inocência não era uma virtude, mas uma banalidade que não fazia sentido falar.

Lucas explica a Clara por que não seguiu Claus: "Um de nós teve que ficar aqui para cuidar dos animais, do jardim, da casa da vovó. Também precisávamos aprender a viver um sem o outro. Sozinho. "

Dura lex sed lex: é isso que você diz quando tem que seguir um destino difícil de entender. O homem, mas também a mulher, às vezes acreditam que **causar injustiça ou absurdo significa ser dotado de livre arbítrio.**

Pela primeira vez no livro, **Lucas diz o nome do irmão.** Ao que ela lhe diz: "Ele vai voltar. Thomas, por outro lado, nunca mais voltará."

Muitas vezes ela sonha com ele, seu marido: "Todas as noites. Mas apenas a sua execução. Thomas feliz, vivo, nunca ". Ao que Lucas diz: " Eu vejo meu irmão em todos os lugares. No meu quarto, no jardim, ao meu lado quando ando na rua. Ele fala comigo." **Ela pergunta a ele o que ele diz.** Ele responde: " Ele diz que vive em solidão moral." - não totalmente diferente dela, provavelmente.

O capítulo 4 abre com uma novidade que ousou chamar de trágica: Yasmine se foi. Lucas diz ao filho, que eu ainda não tinha dito o nome, conta Mathias: "Ela partiu para a cidade grande. Aqui ele estava entediado." Possível? **E deixou aquele tiro infeliz**, quem sabe ele o ama, mas ele ainda é um estranho? Como isso é possível? À pergunta da criança:

" *Ele vai voltar* ", a resposta de Lucas dá pouca esperança: " *Não, acho que não*". **Quem sabe de onde vem tanta segurança!**

Falando com o bebê de sua mãe e irmãzinha, **ele diz mais uma verdade absoluta** (Nem Bom ou Bom?, esse é o problema): " *Os mortos estão em toda parte e em lugar nenhum* ". Ao que aquele pirralho diz: " *Estou no sótão. Eu os vi, aquelas duas coisas de osso, o grande e o pequeno.*"

Não se sabe como aquele homem deformado é agora um escalador de corda perfeito. Dessas duas relíquias, ele diz: " *Gosto delas* ". E explica o porquê: " *Sim, principalmente o recém-nascido. Ele é mais feio e menor do que eu. E nunca vai crescer. Eu não sabia que era uma menina. Por outro lado, com essas coisas feitas de osso, você nunca pode saber.*"

Ele está se tornando um filósofo existencialista quando pergunta ao seu professor, o único que ele tem: " *É a única diferença entre os mortos e os que partiram, não é? Aqueles que não estão mortos retornarão.*" Lucas lhe faz a pergunta chave: " *Mas como você sabe se eles não morreram na sua ausência?* ".

A resposta do novo filósofo não é pessimista, mas abre a porta à esperança: " *Não se pode saber.*" Ele abre, eu disse, e não que ele abra bem.



Agota Kristof

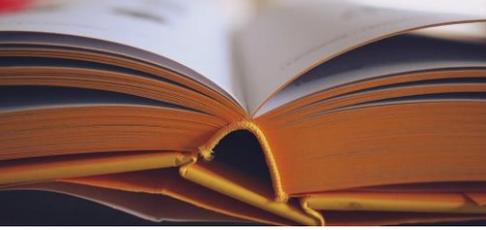
Lucas traz seus cadernos para Peter para que ele possa passá-los para Claus quando estiver. Ele pergunta se ela ama Clara. Resposta deste ser enigmático e evidente: " *Não sei o significado desta palavra. Ninguém o conhece. Eu não esperava esse tipo de pergunta de você, Peter.*" Veja que agora Pedro é o culpado por seu solipsismo.

No fundo, porém, ele está certo, o **amor é um Não Bom, não uma verdade inquestionável**, como tudo: do Nada se possui o sentido último, do Nada não se sabe o que normalmente significa, mas o que significa absolutamente.

O absoluto não existe, ou está tão longe de nós que é inescrutável. Ou está muito próximo, mas além da nossa possibilidade de investigação científica: pense, por exemplo, no que (não) acontece abaixo do limite de Planck.

Clara quer saber sobre Yasmine: " *Ela se foi? Onde? O que ele fez com isso?*" Essas são perguntas angustiantes, mas podem ser respondidas com uma branda: " *Acalme-se. Yasmine partiu para a cidade grande. Isso é tudo.*" - eles fazem muitas coisas juntos, mas continuam mantendo distância.

Espero adiar ao máximo essa jornada perigosa. Vocês?



Victor conta a Lucas uma verdade que sinto poder compartilhar: *"Estou convencido, Lucas, de que todo ser humano nasceu para escrever um livro, e nada mais. Um livro brilhante ou um livro medíocre, não importa, mas quem não escreve nada é um ser perdido, ele não fez nada além de passar pela terra sem deixar rastro."* Eis por que estou escrevendo **dois comentários-reações por semana.**

Ao final da discussão, como Victor sabe que **jamais conseguirá escrever um livro** em um lugar tão cheio de livros, os dois decidem trocar de domicílio.

Assim como antes de Victor, **Lucas também percebe um vizinho estranho**, chamado de "insônia", que aos poucos se torna amigo dele (eu ia escrever *Íntimo*, mas para Lucas esse termo não tem sentido). Sua esposa *"foi morta a tiros três anos após o fim da guerra. Uma noite, às dez."* Talvez seja por isso que ela está sem dormir (brincadeira, mas também verdade amarga).

Depois disso, **ele foi forçado a mudar de cenário** e vir para aquela cidade fronteiriça.

Bata na porta um dia. *"Conheci a mulher que abriu a porta para mim. Ele não me pediu nada, ele me disse para entrar, ele me levou para um quarto".* Ela era *"uma velha, perdeu o marido, dois filhos e uma filha durante a guerra. A filha tinha apenas dezessete anos. Ela morreu no front onde se matriculou como enfermeira após um terrível acidente que a desfigurava"*.

Este episódio me lembra **um mistério descrito no primeiro capítulo da trilogia** "O Grande Caderno" e que nunca foi resolvido. A certa altura, Lucas diz: *"A dor passa, as memórias desaparecem"*. **O insone acabara de proferir essas mesmas palavras**, que agora completa: *"Diminua, atenua, eu disse, sim, mas não esmoreça."*

Uma dor pode acabar, mas sua causa permanecerá para sempre, no ar, esperando uma nova *chance* operativa.

A propósito, **Lucas diz a Peter:** *"Não quero alcançar Claus. Cabe a ele voltar, ele é quem partiu."* Pedro é cético e diz: *"Quem não existe não pode retornar"*. Lucas responde que *"O Claus existe e vai voltar!"* **Finalmente Lucas usa o ponto de exclamação também!**

De fato, não é a primeira vez, mas até agora ele **só os usou para responder às afirmações absurdas de Mathias**. E ele nega que o ama tanto, mesmo que esteja em má forma.

De qualquer forma, gostaria de afirmar que Lucas está se tornando cada vez mais humano e menos *automático* do que parecia quando criança, quando estava conectado ao outro *robô*.

Mathias revela-se um pouco prodígio: corcunda, mas muito inteligente; zombando como poucos, mas incrivelmente humanos. Na escola ela sofre o que sempre existiu, que hoje é definido como bullying, pelos colegas.

O amoroso Lucas *"coloca uma meia cheia de areia, uma pedra afiada e uma navalha na mesa da cozinha"* e o *incita a se defender fisicamente dos ataques daqueles malandros*. Mas ele diz que não: *"As lesões físicas não importam quando eu as sofro. Mas se eu infligisse um, se tornaria outro tipo de ferimento para mim, e eu não aguentaria."*

Ao jogar *"itens defensivos fora da mesa"*, ele **diz ao pai adotivo casual:** *"Sou mais forte do que todos eles. Mais corajosa e, acima de tudo, mais inteligente. Esta é a única coisa que importa."*

Chega mesmo a falsificar a assinatura de Lucas, quando devolve à professora o convite para vir à escola tentar resolver aqueles conflitos juvenis.

Enquanto isso, Victor estrangulava a irmã que cuidava dele e a quem odiava desde a infância. Lucas pergunta a Peter se ele viu. *"Sim, eu já vi. Ele está em um asilo."* **Victor fingiu escrever aquele livro necessário**, confessa o engano à irmã e, num ataque de *delírio tremens*, faz o gesto. Então ele finalmente começa a escrever uma espécie de relato existencial, voltado para o último período. Não sei se isso vai acabar, estou um pouco pessimista. *Lucas lê seu manuscrito* e depois o devolve a Peter.

Mathias sofre de ciúmes: tem medo de que Lucas ame outra pessoa mais do que a ele. Especialmente se esse outro for bonito, loiro e fisicamente apto.

O insone que está sempre vigilante percebe que, enquanto Lucas está fora de casa como de costume, uma noite Mathias *"acendeu uma lareira em seu quarto."* **Temendo um incêndio**, ele pergunta à criança o que está fazendo. Nada, ela diz a ele que *"ele estava simplesmente queimando sua lição de casa errada em um balde de ferro na frente da janela."* Lucas recua.

"A cama do bebê está vazia. Sobre o travesseiro, um caderno azul, fechado. Lucas abre o caderno. Há apenas páginas em branco e vestígios de folhas rasgadas. Lucas puxa a cortina vermelha escura de lado. Ao lado dos esqueletos da mãe e da criança, pende o corpinho de Mathias, já azul."

Mathias também tinha seu caderno: ***talis patrignus talis figliccius***. Perdoe-me o *latinorum latino*. Oh! Finalmente algum sossego para o pequeno aleijado.

"O insone ouve um grito longo. Ele desce a rua, joga para o Lucas."

Quando, não sendo atendido, ele entra, chama Lucas, que *"não atende, com os olhos fixos no teto"*. Ele vai até Peter, que lhe pergunta: *"O que está acontecendo, Michael?"* Michael diz a ele que Lucas precisa dele. Pedro vai até Lucas. Lucas finalmente abre a boca e diz: *"É Yasmine. Ele pegou de volta de mim."* **Onde quer que ela esteja.** Ambos podem não retornar.

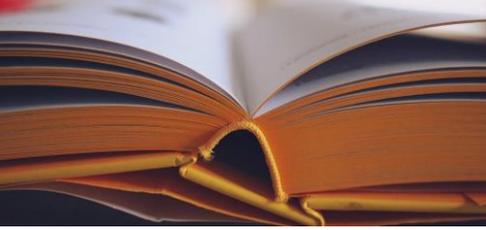
Enquanto Lucas olha para o túmulo da amada criatura, ele diz: *"Eu deveria tê-lo deixado sair com sua mãe. Cometi um erro fatal, Peter, de querer ficar com o bebê a qualquer custo."*

O amigo mais próximo que ele tem lhe diz: *"Cada um de nós na vida comete um erro fatal e, quando percebemos, o irreparável já aconteceu"*.



Agota Kristof

Não sei se você escreveu uma realidade não muito agradável, meu caro Agota, mas você dispara uma miríade de verdades não muito agradáveis. E tomo nota de todos eles. Obrigada.



O capítulo 8 marca o retorno de Claus, que " *chega de trem* ". Não encontrando ninguém na casa de Nonna, ele vagueia desconsolado pela cidade. Conheça Peter, agora ele mora onde primeiro Victor e depois Lucas moraram com Mathias.

Peter pensa que é Lucas, ele se parece tanto com ele, e a dúvida talvez permaneça com ele para sempre. Ele lhe entrega os cadernos de Lucas: "*Espere. Eles são feitos para ela. Havia muitos mais no início, mas ele os retocou, corrigiu, eliminou tudo o que não era essencial. Se ele tivesse tido tempo, acho que teria eliminado tudo.*" Nesse momento descobri que **sou a terceira gêmea separada no nascimento** e desaparecida sabe-se lá onde, talvez uma entre muitas.

Claus discorda de Peter e diz: "*Não, não todos. Ele teria mantido o essencial. Para mim.*"

E então ele explica (para mim) a questão do título: "Bem, isso é a prova da existência de Lucas. Obrigado, Pedro. Alguém os leu?" Ninguém, além de Peter, não se preocupe. **Eu também não os conheço de todo.**

"O Noel lê a noite toda, levantando os olhos de vez em quando para olhar a rua." **Ou lê-los novamente?**

No dia seguinte, encontra Pedro que lhe conta: "*Cinco anos depois, durante a construção do campo de esportes, soube que haviam descoberto o corpo de uma mulher que havia sido enterrada à beira do córrego, perto da casa de sua avó. casa. Avisei o Luca e no dia seguinte ele desapareceu.*" **Sem nunca mais voltar.**

Yasmine também não havia retornado, na verdade. Ainda há tempo para Lucas esperar por um resultado menos sinistro.

"O mais triste dessa história é que eles não conseguiram identificar o corpo de Yasmine. As autoridades encerraram o caso".

Claus explica por que nunca escreveu para Lucas: "*Decidimos nos separar. Essa separação tinha que ser total. Não bastava uma fronteira, era preciso também o silêncio*".

Ele está de volta e **está procurando por ele como um louco**. Eu quis dizer, como um louco apaixonado.

"O julgamento durou bastante. Estou cansado e doente, quero ver Lucas novamente." **E aqui está outra explicação hipotética do título.**

E Clara? Onde você esteve? Ela tinha ido para um hospital psiquiátrico. Ela não curou, mas agora ela mora com Peter. E não está muito bem (o que é uma meia antífrase). Quando ela vê Noel, ela o chama pelo nome do marido e tenta beijá-lo. Claus" *recua, levanta-se. Vá até a janela, olhe para a rua.* "

Agora há três esqueletos: "*Lucas desenterrou o corpo de Mathias dois anos depois do funeral. Ele me explicou que era mais fácil para ele, estava cansado de passar a noite no cemitério para fazer companhia à criança.*"

Com um relatório em que as "*autoridades da cidade de K.*" encaminhar o "*pedido de repatriação do seu concidadão Claus T., atualmente encarcerado...*" **encerra o segundo capítulo da [trilogia](#)** .

“A terceira mentira” de Agota Kristof: ficção ou ilusão?

[Revista Oubliette](#) [21/01/2022](#)

Borges falou (e escreveu) de Ficções . Quando você lê um livro (pouco) importa saber se é vida real ou vida ficcional. **E é um jogo para imaginar bobagens**, que por exemplo De Amicis foi aluno da classe de crianças em que as várias histórias se desenvolvem. Se foi Garrone, Franti ou Derossi ou mesmo o narrador de Bottini é outra questão.



Trilogia da cidade de K. por Agota Kristof

Anos atrás eu li a Saga Harry Potter e o que mais me surpreendeu é a ideia do *horcrux* que Tom Orvosan Riddle, vulgo Voldemort, conseguiu distribuir nos lugares mais impensáveis: **eram partes de sua alma** , que portanto não só não era imortal, mas até divisível em fatias, como um bolo.

Jack London é definitivamente Martin Eden , mas também a mercearia debaixo de sua casa (jogo lá, não me lembro de nenhum tipo de armarinho nesse romance). **Cada escritor lida com sua própria alma** , disfarçando-a em muitos disfarces ([Pirandello](#) os chamava de *máscaras nuas*) que lhe permitem dizer ao final: **esta é a história de um homem que nunca existiu**, antes que eu o criasse, porque no fundo eu sou um deus, por outro lado, que não é.

Às vezes tenho a sensação de que também sou um deus, **embora marginal e residual** , mas ainda um deus, mesmo que no momento eu lide principalmente com as histórias dos outros, **ocasionalmente jogando algumas horcruxes minhas**.

$1 + 1 = 2; 1 + 1 - 2 = 0$

Zero é o resultado final da trilogia de Agota Kristof . Aviso aos marinheiros (vocês): Não consegui escrever minhas reações *in itinere*, enquanto estou lendo os três livros, mas só depois de ter chegado ao fim da leitura de cada um deles, exausto.

Engoli então um veneno (semelhante ao que a vovó deu ao vovô no [caderno Il grande](#)), que funcionou como vacina (esperamos), preparando-me de vez em quando, um chá de ervas aromatizado com urtigas, **um café corrigido com álcool puro a 90 graus** e um aperto de limões verdes de Amalfi. **O esôfago e o estômago se beneficiaram com isso** , a traqueia não, por um dia ou dois, mas depois o desconforto diminuiu lentamente.

Qual será a terceira mentira , ou ficção que é? De vez em quando vou ao Google observar o rosto do autor. **Ele tinha um rosto bonito à sua maneira, fino e inteligente** , mas não consegui encontrar uma foto em que ele sorrisse. vou continuar pesquisando.

O protagonista, gostaria de chamá-lo assim, está " *na prisão na pequena cidade da minha infância* ", que " *não é uma prisão de verdade, é uma cela do prédio da polícia local, um prédio que é uma casa como qualquer outra outro na cidade, uma casa térrea .* "

Ele está esperando para ser extraditado para seu país, seja ele qual for: " *Não sou um criminoso. Só estou aqui porque meus documentos não estão em ordem, meu visto expirou. Também fiquei endividado.* "

Quem vai vê-lo é o novo livreiro, a quem deve aluguéis ainda não pagos, mas que o ama mesmo assim. Ela pergunta a ele: " *Você continua falando sobre reembolsos. Eu gostaria que ele falasse sobre outra coisa. Para começar, o que você escreve?* "

Ele, maldosamente, responde que " *o que eu escrevo não importa* " .

Ela insiste: " *O que me interessa saber é se ele escreve coisas reais ou inventadas* " .

A sua resposta faz-nos meditar sobre o conceito de ficção : " *... tento escrever histórias verdadeiras, mas, a certa altura, a história torna-se insuportável precisamente pela sua verdade e então sou obrigado a mudá-la. Digo a ela que tento contar minha história, mas que não consigo, não tenho coragem, dói demais. Então eu embelezo tudo e descrevo as coisas não como elas aconteceram, mas como eu queria que elas acontecessem .* "

Esta é apenas a primeira aula gratuita , as demais serão pagas. Aqui estão eles:

Ela diz: " *Sim. Algumas vidas são mais tristes do que o mais triste dos livros.* "

Ele diz: " *Isso mesmo. Um livro, por mais triste que seja, não pode ser tão triste quanto uma vida .* "

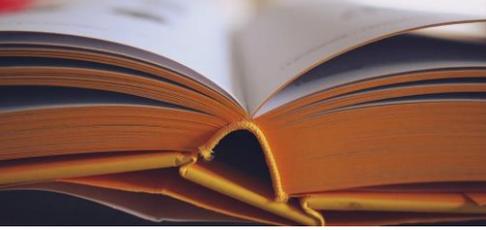
Discordo: depende do livro e da vida de quem o escreveu e de quem o lê.

Em criança foi internado num campo de concentração , ou seja, num centro de reabilitação, devido a um tiro que, voando ao acaso, achou melhor pousar na sua coluna, imobilizando-o durante algum tempo e depois apenas um pouco inválido (**Mathias, co-estrela de [La prova](#)** , pode adivinhar o desconforto).

Então uma bomba cai no centro e essas criancinhas são distribuídas para voluntários que podem ficar com elas. Ele acontece " *a uma velha camponesa que mais tarde aprendi a chamar de 'vovó'. Ela costumava me chamar de 'filho da puta'.* "

Espere, vou tomar uma gota de alguma coisa, **água também está bem** . E sete bagas de uvas verdes. Eu odeio ser impreciso nesses casos.

"*Meu melhor amigo, Peter, que era meu guardião quando eu era jovem, morreu de ataque cardíaco há dois anos. Sua esposa, Clara, que foi minha iniciadora de mantras, morreu há muito tempo, porque não suportava a aproximação da velhice*". **Ah, Pedro, ah, Clara...**



Clara, como o próprio Lucas disse em [O Julgamento](#) , se parecia com a mãe, mas Clara discordava. Seu cabelo era branco devido a um trauma trágico.

Na estação um menino se oferece para carregar sua mala . E ele lhe diz: " *Eu fiz esse trabalho antes de você* ", naquele mesmo lugar, "*...quando eu tinha a sua idade.* ", Exatamente: " *há muito tempo* " .

Ele fazia de tudo, naquela infância conturbada, e " *para ganhar um pouco mais de dinheiro, sempre que podia ia à estação esperar os viajantes. Eu estava carregando as malas.* "

E tornou-se escritor: "*... Pude comprar folhas de papel, um lápis, uma borracha e um caderninho grande no qual escrevi minhas primeiras mentiras*".

O legado da avó também existe neste multiverso : " *está enterrado debaixo do banco em frente à casa em um saco de lona que contém joias, moedas de ouro e prata. Se eu tentasse vender essas coisas, eles me acusariam de roubo.* "

Mesmo neste cosmos há um voluntário fugitivo, que lhe abre o caminho : " *O homem caminha à frente, não tem escapatória. Perto da segunda barreira, uma mina salta e o homem com ela. Quanto a mim, ando atrás dele, não arrisco nada.* " - se não tiver que reescrever sua história várias vezes.

Em sonho aparece-lhe o irmão, que lhe diz, rindo: "*... Você sabe que sou apenas um sonho. Devemos nos resignar. Não há nada, em nenhum lugar.*"

Quando estava (aqui os tempos vão e vem) quase sem dinheiro, " *compro uma gaita e vou tocar nas tabernas como quando era criança. Os clientes me oferecem uma bebida. Para comer, contento-me com a sopa de legumes do livreiro. Em setembro e outubro eu nem consigo mais pagar o aluguel. A livreira não me pergunta, ela continua limpando, lavando minha roupa, me traz sopa.* " - **uma esposa dedicada** , sem as contra-indicações do caso.

"*Desde a minha chegada, apesar do consumo excessivo de álcool e tabaco, minhas dores não voltaram.*" - talvez graças a eles.

"*É mentira. Sei muito bem que nesta cidade, como avó, eu já estava sozinha, e mesmo assim só imaginava que éramos dois, meu irmão e eu, para suportar a insuportável solidão.*"

Um cara tenta fazê-lo abrir os olhos (mas ele também é meio cego): " *Não, acho que você confunde realidade com literatura. Sua literatura. Também acho que ele tem que voltar para o seu país, pensar um pouco e depois voltar. Com certeza talvez. Desejo isso para você e para mim.* "

É o carcereiro dele falando, você vai. Ele também é aquele que está tentando aprender a jogar xadrez graças à maior experiência de seu tutor-recluso.

Para complicar a situação, ele pede ao carcereiro que nomeie um possível filho seu como seu irmão, Lucas. **E eu tinha certeza que ele não era Claus**.

Nos documentos diz Claus, não Lucas, e diz-se que ele tem 18 anos e que o homem com quem tentou a impossível missão de expatriação era o seu pai. "**Três mentiras**", **escreve quem consegue. Só posso trazê-lo de volta**.

Há uma verdade, no entanto: ele é apátrida. Tenha em mente que estou me tornando um também lendo o livro. **E que [Agota](#) passou a vida se perguntando: a que tribo eu pertencço?**

Seu diário, diz ele, é feito de "mentiras", ou seja, "coisas inventadas". *Coisas que não são verdade, mas que poderiam ser.* "- **toda literatura tem um propósito optativo.**

Ele descobre que existe um certo "Klaus T., com o K" que "tem fama de misantropo. Você nunca o vê em público e não sabe nada sobre sua vida privada." - **um verdadeiro poeta**, daqueles que, entre outras coisas, publicam repetidamente.

Ele toca a campainha e é recebido por uma família que não simplifica meu conhecimento pessoal dos personagens: ele diz que seu nome é "Lucas. *Eu sou seu filho, Lucas*".

Ele os chama de pai e mãe. Mamãe diz: "Klaus não se foi, ele.". Papai diz: "Estamos procurando por você há anos."; Mamãe diz: "E então nos esquecemos de você. Você não deveria ter voltado. Você perturba todo mundo. Temos uma vida tranquila, não queremos ser incomodados."

Ele pergunta onde Klaus está (com o k), ao que mamãe responde: "Ele está no quarto dele. Como sempre. Ele está dormindo. Você não precisa acordá-lo. Ele só tem quatro anos, precisa dormir."

Papai o expulsa. Mas primeiro ele vai ver o menino. Ela fica chateada como uma mãe: "Você o acordou, seu idiota. Desapareça!"

Felizmente, a primeira parte termina com essa cena maluca.

A segunda não promete ser melhor.

Luca liga para Klaus, da mesma idade, ao telefone. Quem sabe esse parente é um imposto que nunca vai acabar pagando. **Não se sabe a quem.** Eles chamam de vida, vamos imaginar o que é a morte.

Klaus sabe que Lucas é Lucas. Ele teme que sua mãe, que mora com ele, o veja e o reconheça, ou que ele a veja. Pode ser.

Ele assina seus poemas de Klaus-Lucas. T. Ele sobe. Ele está esperando por ela.

"Eu acendo a luz da varanda, volto para minha cadeira, meu irmão entra. Ele é magro e pálido, mancando em minha direção com uma bolsa debaixo do braço. Lágrimas vêm aos meus olhos, eu me levanto e estendo minha mão." - e lhe diz: "De nada".



Agota Kristof

Ele a dá a ele, ele a dá a ele. Ele foge e o persegue, **com lembranças.** Ele nega e insiste. **Ele diz que sempre morou sozinho** e não sabe por quê, talvez "porque ninguém me ensinou a amar".

Ele finge ser casado, com uma ninhada de netos, que agora moram em outro lugar. Agora ele vive com sua sogra que está doente e que não deve ser incomodada. Às vezes ela o chama de filho porque... e inventa uma mentira.

Ele diz a ele: "*Faça sua parte até o fim, Klaus. Se eu soubesse que você tinha um coração tão duro, eu nunca teria tentado conhecê-lo. Eu sinceramente me arrependo de ter vindo.*"

No qual ele ficou, como normalmente acontece, sozinho, "*entro na casa, vou ao banheiro, lavo a ferida, desinfeto-a, coloco um curativo, depois volto ao escritório para ler o manuscrito do meu irmão.*"

Klaus reconstrói aquele fato antigo, que produziu aquela "coisa", que não sabemos definir melhor, que eliminou uma vida e destruiu várias outras, a Luca, a Klaus, a sua mãe, ao amante de seu pai. Não apenas estes, mas um pouco de todos.

Desde então Lucas, feito aleijado, foi internado e depois acabou com o que chamou de filho da puta. Klaus viveu por um tempo com a amante de seu pai e Sarah, sua filha, meia-irmã

A mãe, assassina voluntária, **enlouqueceu e foi internada**.

Klaus então decidiu voltar para a mãe, custe o que custar essa escolha absurda dele. **E foi sua sentença de prisão perpétua**.

"*Às vezes uma criança, eu diria menor do que eu, uma criança mancando atravessa a praça. Ele toca uma música na gaita, entra em uma taverna, sai, entra em outra*".

O pequeno Klaus se viu sem se reconhecer.

"*Mamãe não pensa em me fazer uma refeição para a noite, ela nem pensa em pedir carvão para o inverno. Não pense em nada. Exceto Lucas.*"

Klaus trabalha à noite como tipógrafo e pensa no *Outro* que está em *outro lugar*.

Klaus ama Sarah. Sarah ama Klaus. Um amor tão absoluto que, quando se reencontram, ela lhe diz: "*Esqueceu o quanto nos amávamos? Eu não esqueci de você, Klaus.*"

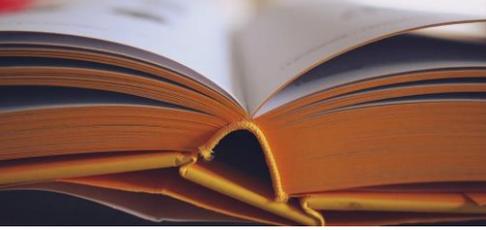
Ele responde na mesma moeda: "*Nem eu. Mas não adianta nos vermos novamente. Você ainda não percebeu?*"

Ela diz isso a ele. agora que ele entende, **ele se foi para sempre**.

À noite ele conversa com o irmão que não está lá e lhe diz que "*se ele estiver morto, sorte dele, e que eu gostaria de estar no lugar dele. Digo-lhe que a melhor parte é tocada e que sou eu quem deve ler o fardo mais pesado. Digo-lhe que a vida é de total utilidade, é um absurdo, uma aberração, um sofrimento infinito, a invenção de um não-Deus de um mal que ultrapassa a imaginação.*" **Um homem**.

A mãe acusa qualquer um do destino que se **abateu sobre sua família, seu marido, sua amante**. E ela se esquece de se julgar. Ao filho que está com ela e que cuida dela, ela não faz nada além de dizer o quão grande foi o outro que não está lá. **Que desapareceu**.

Como testemunha externa que não sabe fazer o seu próprio negócio, digo que você Klaus cometeu um erro infinito ao não reconhecer o parente, que está enraizado em sua história, e ao lhe dizer: "*... Existe a menor semelhança física entre nós? Lucas e eu éramos gêmeos de verdade, éramos perfeitamente parecidos. Mas ela tem essa cara e trinta quilos a menos que eu.*"



Ele lhe explicou: *"Você esquece minha doença, minha enfermidade. É um milagre que eu tenha aprendido a andar novamente."*

Assim que vocês se conheceram, ele lhe entregou seu caderno e lhe disse: *"Aqui está meu manuscrito. Está inacabado. Não terei tempo para terminá-lo. Eu deixo para você. Você tem que terminar."*

Nisso, pelo menos, você lhe dará satisfação, mesmo que ele nunca saiba.

Um funcionário da embaixada lhe diz que seu pretenso parente escolheu um atalho existencial, que lhe permite voar, por mágica, para a Outra Parte, **com apenas uma passagem de ida.**

Você dá a ele " *permissão para enterrá-lo ao lado de seus pais*".

A razão é clara: *"Sim. Ao lado do meu pai. Ele é a única pessoa morta na minha família."*

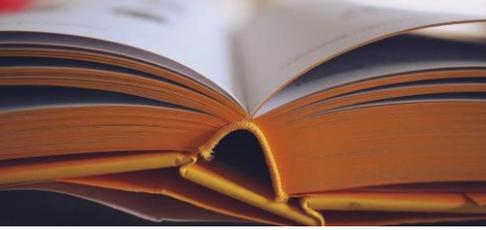
No final, a esperança surge em você: *"... em breve estaremos os quatro juntos novamente. Mãe morta, não terei motivos para continuar. O trem é uma boa ideia."*

Não reserve para mim no momento embora. *Tenho compromissos urgentes nesta Parte Provisória!*

Escrito por [Stefano Pioli](#)

Bibliografia

Agota Kristof, [Trilogia da cidade por K.](#) , [Einaudi](#)



Diário de Sobrevivência

Realizado por János Szász, um filme que faz um retrato da Hungria nos anos 40 durante a II Guerra Mundial

No final da Segunda Guerra Mundial, a Hungria está praticamente destruída e derrotada. Dois irmãos gémeos de 12 anos são enviados pelos pais para a casa da avó, conhecida como "a bruxa", que vive numa zona rural. Com a avó a não demonstrar o menor afeto por eles, os irmãos tentam lidar com a nova realidade da sua vida, do país e da nação, documentando todas as experiências num caderno que passa a ser o diário de sobrevivência.

Ficha Técnica

Título Original The Notebook / A Nagy Fuzet / Le Grand Cahier Intérpretes László Gyémánt, András Gyémánt, Piroska Molnár Realização János Szász Autoria Andras Szekér, János Szász, Agota Kristof Música Johan Johanson Ano 2013 Duração 112 minutos